

VICTOR HUGO: MÚLTIPLAS LEITURAS

O ano de 2020, além de ter sido marcado pela pandemia da COVID-19 que assolou o planeta, trouxe grandes desafios para todos frente a uma realidade jamais imaginada. A humanidade, que até então acreditava ter respostas para as mais diversas questões, se viu diante de uma ameaça imensurável e da impossibilidade de encontrar uma solução imediata a uma grande crise sanitária.

No âmbito acadêmico, professores, pesquisadores e estudantes se viram diante de telas, enclausurados em algum espaço físico, tentando buscar alternativas para continuar o processo de pesquisa, ensino e aprendizagem. Apesar deste cenário que se desenhou de maneira completamente desfavorável à engrenagem do avanço de nossa civilização - o isolamento forçado e o novo modo de convívio social - novas possibilidades de estar de algum modo próximo às pessoas foram idealizadas e, ainda que de forma virtual, foi possível dar continuidade à concretização de muitos projetos.

O dossier que ora apresentamos encontra sua origem neste momento de incertezas. A princípio, ele foi imaginado como resultado do evento *Victor Hugo: múltiplas leituras*, que fez parte deste período de nosso percurso acadêmico. Com a colaboração e boa vontade de colegas e estudantes pudemos compartilhar com alunos, professores, pesquisadores e público em geral, diferentes perspectivas e leituras a partir da vasta obra de Victor Hugo, figura incontornável da literatura francesa.

O nome de Victor Hugo (1802-1885) dispensa maiores apresentações. Desde muito jovem, Hugo participou ativamente do cenário artístico – e político – da França oitocentista. Parte do grupo dos primeiros românticos, iniciou a sua carreira como poeta, depois dramaturgo e romancista, formulando as bases estéticas do movimento e se tornando o *chef de file*, estrela maior entre tantas estrelas. Pensador e crítico de seu tempo, logo a sua maneira de conceber o fazer literário misturava-se à sua atuação política: o artista reflete e expõe as mazelas da sua sociedade, tomando partido daqueles que não têm voz. Deputado eleito em 1848, proscrito depois do Golpe de 1851 e exilado por 19 anos, Hugo tornou-se um homem político, respeitado por sua militância e defesa de ideais sociais que, mesmo nos

dias de hoje, permanecem no centro do debate (como a miséria, o preconceito, a liberdade, a pena de morte etc.).

No Brasil, foi lido praticamente ao mesmo tempo em que publicado na França, em francês e em traduções feitas por vários poetas e intelectuais que rapidamente perceberam a potência de suas palavras e, duzentos anos depois de sua primeira publicação (*Odes et poésies diverses*, em 1822), continua mobilizando leitores, provocando pesquisas e estudos críticos.

Sua obra literária teve uma intensa repercussão e circulação à época por todo o mundo, provocando discussões, comentários, imitações, traduções, referências e, aliada à sua atuação política coerente com seus ideais, trouxe a consagração para Victor Hugo e associou sua imagem à de um homem capaz de transpor gêneros, fronteiras e épocas.

“Há, de fato, homens-oceanos”, escrevia em 1864 Victor Hugo, em *William Shakespeare*. Neste longo ensaio sobre a vida e a obra do poeta, Hugo o filiava a uma corrente de grandes homens de espírito, de gênios como Esquilo, Dante, Michelangelo, capazes de trazer à tona “o Todo em um”. Ao escrever sobre Shakespeare e seu legado, Hugo pensava sobre a definição de gênio, sobre sua própria obra, sobre as conquistas de sua geração e, sobretudo, sobre a permanência que uma grande obra poderia adquirir com o passar do tempo.

Pode-se dizer que Victor Hugo faz parte dessa irmandade de homens-oceano, pois, assim como para ele o “bardo inglês” evocava o turbilhão do fluxo e o refluxo do pensamento humano, fonte inesgotável de inspiração e de criação, sua obra imensa e multifacetada também foi e ainda é de fonte de ideias e temas para outros autores, críticos, cineastas e artistas.

A maioria dos artigos que compõem este dossiê são fruto de apresentações de colegas que aceitaram gentilmente fazer parte do evento *Victor Hugo: múltiplas leituras*, difundido pelo programa de graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP, sob nossa organização, nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Outros artigos são contribuições que se juntaram à vontade de ler e de compreender diferentes formas de expressão deste autor que até hoje nos ensina modos de perceber cada leitura.

A primeira seção, “Victor Hugo: entre política, sociedade e seus contemporâneos”, se abre com “*Actes et paroles*, de Victor Hugo: a teatralização do texto político nos discursos contra a miséria e a pena de morte”, de Maria Júlia Pereira. A autora toma como objeto dois textos de Hugo que versam sobre sua posição a favor de dois assuntos polêmicos: a abolição da pena de morte e a aprovação da assistência estatal aos vulneráveis pela miséria. Neste artigo,

Maria Júlia busca, por meio do mapeamento de signos teatrais presentes nas duas narrativas, evidenciar como dois textos de caráter político apresentam características próprias do gênero teatral e aponta, de forma original, o forte caráter teatral presente nestes dois discursos políticos.

No artigo “*Théâtre en liberté* e a tirania da fome na peça “*Mangeront-ils?*”, de Victor Hugo”, as autoras Beatriz Cerisara Gil e Suélen Martins Meleu discutem a produção da coletânea de peças *Théâtre en liberté*, escritas por Hugo durante o período do exílio (entre os anos de 1865 e 1869), em relação a sua produção teatral dos primeiros anos do romantismo e ao contexto histórico e social da sociedade francesa do Segundo Império. A análise da peça “*Mangeront-ils?*”, revela, por sua vez, como o autor lança mão de procedimentos teatrais específicos de uma comédia satírica para tratar do papel dos oprimidos em uma possível reversão do estado de miséria e da tirania monárquica. Nesse sentido, a peça reitera o compromisso de Victor Hugo tanto no que diz respeito à contestação da rigidez dos gêneros do teatro clássico quanto ao seu empenho de criar uma arte útil ou social, dentro da concepção artística romântica – ainda que já abalada pela Revolução de 1848 e pelo Golpe de 1851.

A recepção da obra de Victor Hugo provoca reação de seus leitores dos mais diversos modos. No artigo “*Les misérables*: a expressividade visual como recurso semiótico de significação na mídia mangá”, Danielle Alves da Rocha e Ana Luiza Ramazzina-Ghirardi retomam a obra *Os miseráveis* (1862) e discutem sua ressignificação em uma adaptação homônima para os quadrinhos japoneses de Takahiro Arai, em 2015. A partir da seleção de excertos dessa nova mídia, a trajetória do personagem principal, Jean Valjean, é observada desde sua apresentação na narrativa até o seu período prisional. As autoras sustentam que a relação entre o uso de elementos multimodais e a construção da expressividade visual e da retórica emocional levam à elaboração do sentido da narração em uma mídia multimodal, o mangá de Arai.

Gloria Carneiro do Amaral fecha esta primeira seção com o artigo “Discursos fúnebres de Victor Hugo”. Neste artigo, Amaral apresenta, em um primeiro momento, o discurso de Hugo na ocasião da morte de Balzac: Hugo levanta pontos essenciais da *Comédia Humana* e demonstra como via em Balzac um escritor revolucionário. Em seguida, Amaral contrapõe a esse discurso outro escrito por ocasião da morte de George Sand, escrito por Hugo 26 anos depois, em que não há referências à obra e sim à vida e à posição da escritora. A autora, então, sugere que os dois discursos podem representar documentos importantes na obra de Victor Hugo que revelam sua visão crítica sobre seus contemporâneos.

A segunda seção deste dossiê, “Victor Hugo: entre França e Brasil”, busca mostrar como Victor Hugo cruzou fronteiras e adicionou à cultura brasileira diferentes formas de ler, entender e irradiar seu pensamento.

Em “Doce leite romântico: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis”, Daniela Mantarro Callipo aponta como Hugo representa o autor mais citado por Machado de Assis em suas crônicas, deixando em sua obra marcas profundas. A autora destaca ainda que Assis soube olhar criticamente para a obra de Hugo, retirando dela somente o que o beneficiaria em seu amadurecimento como escritor. Graças ao estabelecimento de uma prática intertextual renovadora, Machado de Assis consegue utilizar a presença da literatura estrangeira em benefício de seu próprio texto. Apesar da presença maciça de Victor Hugo nas crônicas machadianas, Callipo observa uma presença tímida ou quase inexistente do autor francês em seus contos, poemas, peças e romances. Assim, a autora estabelece uma hipótese para tal contraste, por meio da análise dos textos jornalísticos publicados por Machado de Assis.

Pablo Simpson, em seu artigo “Entre Victor Hugo e Castro Alves: religiosidade e tradução” oferece ao leitor uma aproximação das poéticas de Victor Hugo e Castro Alves. Partindo da reflexão de outros críticos que já haviam percebido traços dos temas e das ideias de Victor Hugo na obra de Castro Alves, o autor ressalta o “espírito de militância” e o desejo de agir na sociedade. A partir da tentativa de compreensão de seu lugar religioso, em torno da presença de visões, da ideia de missão e do que Paul Bénichou definiu como um “sacerdócio poético moderno”, Pablo Simpson discute ainda alguns caminhos escolhidos pelo poeta brasileiro ao se debruçar em seus poemas e nas traduções que ele fez dos textos do poeta francês.

Em “José de Alencar, leitor de Victor Hugo”, João Roberto Faria demonstra, a partir de trechos da obra de Alencar, como a leitura atenta da obra de Victor Hugo aparece, às vezes de forma mais evidente, às vezes de forma mais sutil, como um elemento constitutivo no processo criativo do brasileiro. Percorrendo a obra de Alencar, apresentando o modo como o escritor brasileiro estabeleceu diálogos intertextuais com a obra de Victor Hugo em alguns de seus romances e peças teatrais, Faria demonstra que, ainda que tenha tido a sua obra mais comparada com a de outros autores franceses (como Balzac) a presença da obra de Victor Hugo é maior do que se supõe.

“Álvares de Azevedo e Victor Hugo: fontes estrangeiras dos poetas românticos e a crítica à imitação”, de Maria Cláudia Rodrigues Alves, busca resgatar em seu artigo o contato entre Brasil e França por meio do grande escritor francês. A

autora destaca o poeta Álvares de Azevedo, sua fortuna crítica no século XIX e seu “diálogo” com Victor Hugo, indicando no poeta brasileiro um tipo de antropofagia do modelo estrangeiro antes do nosso Modernismo. Maria Cláudia sustenta em seu artigo que certa produção do Romantismo brasileiro, incluindo o contato com a obra de Victor Hugo, preparou o terreno dos intelectuais de 1922. A autora aponta ainda que o uso de epígrafes nos séculos XVIII e XIX representam homenagem ao epigrafado e revelam os as leituras e os precursores dos autores, antecipando e dialogando com o texto que antecipam. Victor Hugo, usado como modelo, além de trazer para o texto sua reconhecida obra, adiciona seu entusiasmo, seu caráter, sua posição inovadora, sua condição como cidadão que viveu durante praticamente todo o século XIX encantando o Brasil e o mundo.

Francine Fernandes Weiss Ricieri fecha esta última seção com o artigo “Victor Hugo na poesia brasileira de fins do século XIX”, no qual, a atividade literária é pensada como uma atividade que coloca grupos em embate e em discussão; são abordados poemas, prefácios, manifestos ou ensaios críticos, de modo a explicitar com alguma clareza o modo como a presença de Victor Hugo se concretiza na escrita de alguns homens de letras (poetas), formulando-se, ainda, algumas hipóteses por meio das quais se busque estabelecer sentido para o diálogo em questão. Nesse cenário, Victor Hugo é pensado como uma peça acionada pelos poetas abordados, observando-se a(s) lógica(s) que preside(m) sua movimentação, os jogos em que ela é posta em atuação, como é mobilizada, em que contextos é posta em cena e contra quais oponentes é acionada. O artigo propõe uma reflexão sobre qual Victor Hugo é produzido pela leitura desses poetas brasileiros do final do século XIX.

Por acreditar que a força da palavra de Victor Hugo transcende gerações, este dossiê oferece ao leitor um pouco do vasto universo literário da produção hugoana. Desejamos a todos uma excelente leitura.

Ana Luiza Ramazzina-Ghirardi
Maria Lúcia Dias Mendes

